A liberdade **não veio** de graça

Conquistas históricas ampliaram a participação feminina na sociedade, mas desigualdades persistentes e disputas ideológicas mantêm direitos no centro do debate

POR GIOVANNA KUNZ, ISABELA COSTA*

Ed Alves CB/DA Press

Socorro Sousa Vale, 89, Maria do Carmo Vale Tavares, 66, e Ana Luísa Tavares Gentil, 27: luta que atravessa gerações

Aos 89 anos, Socorro Vale olha para a própria história e reconhece o quanto as possibilidades de uma mulher mudaram ao longo do tempo. Nascida em 1937, ela cresceu em uma sociedade que associava o futuro feminino ao casamento, à maternidade e aos cuidados domésticos. Décadas depois, após se separar do marido, em 1973, construiu a própria trajetória e encontrou na moda uma forma de realizar um desejo antigo. Há 34 anos, mantém a Vento Radical, empresa de moda praia e fitness instalada no Polo de Modas do Guará.

A história de Socorro atravessa transformações que ultrapassam a experiência individual. Do direito ao voto à possibilidade de encerrar legalmente um casamento, da entrada no mercado de trabalho à decisão sobre ter filhos, mulheres de diferentes gerações acompanharam mudanças nas leis, nos costumes e nas relações familiares. Algumas precisaram enfrentar obstáculos para garantir o sustento dos filhos, outras cresceram com mais liberdade para estudar, trabalhar e escolher seus próprios caminhos.

Em 2026, ano de eleições gerais no Brasil, essas trajetórias ajudam a compreender como direitos e costumes se transformaram, mas também por que a igualdade continua em disputa. Nas redes sociais, discursos conservadores voltam a questionar escolhas femininas, enquanto temas como violência de gênero, autonomia reprodutiva, igualdade salarial e participação política permanecem na agenda pública.

As mulheres representam 52,84% do eleitorado brasileiro, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Apesar de serem maioria entre as pessoas aptas a votar, seguem sub-representadas nos espaços de poder. A partir de fevereiro de 2027, a Câmara dos Deputados contará com 109 mulheres entre os 513 parlamentares, o equivalente a 21,2% das cadeiras. O número representa um avanço em relação à legislatura atual, mas evidencia a distância entre a participação feminina nas urnas e a ocupação dos espaços de decisão.

Para Socorro, o casamento era apresentado como o destino natural. "A mulher tinha que casar para ser vista como pessoa. Casamento era o futuro. Não havia essa coisa de crescimento pessoal. Era preparada para ser dona de casa. O homem era o provedor. As mulheres iam aprender prendas domésticas, saber cozinhar, bordar", relembra.